



PROJETO EXPERIMENTAL E REALIDADE A VOCAÇÃO DO JORNALISMO

Maria de Fátima de Albuquerque Caracristi ¹
Lys Apolinário Reis ²
Sara Melissa³

RESUMO

O artigo tem o objetivo de ressaltar a importância das produções experimentais do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT); visa também evidenciar a construção da criticidade, que está inerente à disciplina que promove o olhar atento do jornalista que se forma. As narrativas no jornal impresso são de grande impacto social, refletem problemas de existências e de sobrevivência dos personagens, figuras reais que são utilizadas para na totalidade da produção expressar um fragmento de mundo. É pertinente também evidenciar que esses produtos midiáticos refletem temas de interesses particulares dos alunos que são motivados pela afinidade, pela abrangência social e importância de impacto e propõem uma análise de um tema específico.

PALAVRAS-CHAVE

Produção. Jornalismo. Projeto Experimental. Gênero. Sexualidade.

A comunicação midiática é um instrumento importante para a sociedade conhecer, entender e permitir-se participar das questões que envolvem da política aos temas mais leves como o filme que ganhou o Oscar. A publicização de fatos emergentes, comuns à pós-modernidade, falamos das questões étnicas, dos gêneros, dos empoderamentos, por exemplo, recebem da mídia um tratamento interessante, que possibilita a difusão de lutas e cria figuras, o ativista político.

A mídia, como um fragmento da realidade, põe na sua agenda personagens que se tornam protagonistas das histórias reais, atuando como promotora das realidades. Os conteúdos produzidos sejam de categoria informativa como, jornais, telejornais, webjornais se fundem com conteúdos ficcionais, telenovelas, séries especiais, as

¹ Jornalista, doutora em Geografia; professora adjunta do curso de Jornalismo da UFT. E-mail: mariaf@uft.edu.br

² Aluna do Curso de Jornalismo da UFT. E-mail: lysapolinario@mail.uft.edu.br

³ Aluna do Curso de Jornalismo da UFT. E-mail: saramelissa@gmail.com

publicidades, compondo um mosaico de informações que vai auxiliando a formação da opinião pública, promovendo momentos de tensão e de relaxamento simultâneos. Este artigo é um relato de experiências profissionais, realizadas no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins, nas disciplinas de “Projeto Experimental” e “Produção em Jornalismo”.

Os experimentos, com a produção de conteúdo informativo nos laboratórios de redação são essenciais na formação dos profissionais que saem do curso para o mercado de trabalho com a nítida percepção de que a produção de conteúdo tem que ser realizada com a participação da comunidade. De maneira dialética, própria da produção de notícia, os alunos evidenciam os focos de fragilidades dos vários ambientes sociais em que estão inseridas as pessoas que vivem na comunidade local e o papel do jornalismo nesses casos.

A metodologia que utilizamos em sala de aula ou nos laboratórios de redação prioriza o método dialético, reforça a práxis profissional dos alunos que devem chegar para operacionalizar as várias possibilidades da produção de conteúdo nos laboratórios de mídia, já com uma base teórica formada.

A abordagem teórica é imprescindível para a ponte que se estabelece cognitivamente com a prática. A percepção que os alunos adquirem da sociedade, das relações de poder entre os vários agentes sociais e da relevância que os meios de comunicação adquirem em sociedades com pouca, com nenhuma, ou com a construção de conhecimento e de intelectualidade em andamento, como é o caso do Brasil, prescinde dos conteúdos teóricos das disciplinas de sociologia, filosofia, antropologia, pois no Brasil a educação é um projeto postergado, por vários outros interesses nas agendas das políticas públicas, e cabe ao curso superior mitigar esses desníveis.

A política educacional vigente no Brasil não dá conta de formar criticamente os cidadãos e condiciona o aparecimento de uma plêiade de indivíduos que passam a discutir e mencionar os temas que a mídia elege como importante, reproduzindo a visão tacanha e equivocada de grupos de comunicadores geralmente ligados ao poder hegemônico, como se esses conteúdos reproduzidos midiaticamente, fossem de uma agenda positiva para eles próprios.

A discussão teórica é muito importante nas escolas e cursos de jornalismo e o cuidado para mantê-la deve ser intenso e constante, para que o tecnicismo não se sobreponha à bagagem intelectual e o repertório fundamentado e crítico dos cursos de jornalismo não sejam cotidianamente aliciados por modelos simplistas e fragmentados.

Nesta experiência, que aqui socializamos, a discussão teórica, outrora realizada nas disciplinas fundamentais são resgatadas para o desenvolvimento dos produtos midiáticos. As principais teorias que são inerentes ao jornalismo, como a Escola de Frankfurt e os Funcionalistas são trazidas para perto, bem como os importantes autores que dela fazem parte.

Outra abordagem de importância são os estudos culturais na composição de um repertório que dá fundamento e amplitude ao pensamento intelectual, neste viés os aspectos que fazem do moderno e da pós-modernidade terreno de semeadura para alguns discursos florescerem na linha do empoderamento de segmentos sociais antes ausentes das propostas de pesquisas da academia, surgem com todo vigor.

A construção da fala, do pensamento, da simbologia subjacente a esses novos atores sociais que exigem a protagonização das suas existências são inspiradoras para a definição de temas dos produtos midiáticos que vão do gênero à negritude, as novas definições sexuais, o poder de segmentos sociais que na sociedade de massa permeiam a construção das narrativas de indivíduos que estão ainda na marginalidade da agenda midiática convencional. Esses personagens subalternos, se corporificam como protagonistas nos produtos de audiovisual e de jornal impresso.

O OLHAR DA PÓS-MODERNIDADE PARA AS COMUNIDADES SUBALTERNAS

O subalterno é definido como aquele que está abaixo, aquém de outro, ou “aquele que está sob as ordens de outro, que é subordinado ou inferior a outro em graduação ou autoridade”. A impossibilidade de ser foi um fenômeno que permeou durante tempo a esfera de vida de muitas comunidades e setores sociais não organizados politicamente.

Mas não era apenas os indivíduos que estavam na impossibilidade o espaço destes também acompanhavam esse devir, portanto, também o tempo ou a temporalidade dessas pessoas e do seu espaço, ou da sua territorialidade se fixava e se fechava na impossibilidade.

O tempo foi então definido como “esfera da fixidez” por Massey (2008) o oposto da temporalidade seria o “sem tempo” e o tempo seria a “esfera da fixidez” (*Ibidem*, p. 66), para a autora, o tempo nada mais é do que o domínio do fechamento, da impossibilidade e do político.

Na narrativa com a emergência do pós-estruturalismo, o espaço adquiriu legitimidade e se desarticulou da fixidez do tempo, trazendo uma dinâmica própria que possibilitou sua sobreposição a este, permitindo se pensar o espaço sob a perspectiva da mobilidade. Independente do tempo, é nele, no espaço, onde as comunidades se organizam no devir das suas existências e realizam as suas experiências.

O pós-estruturalismo também contribuiu para que os grupos sociais, até então figurantes dessa existência social, se tornassem, paulatinamente, protagonistas das histórias cotidianas, atrelados a laços políticos visivelmente desconexos da política atávica que fundamentava ao tempo a sua existência.

É o caso da esfera de gênero, classe, raça e de outras formas de instituir as desigualdades que foram rompidas e mediadas pela cultura e tratadas neste tempo presente como importantes na acepção da cidadania.

A pós-modernidade em *A Condição Pós-Moderna*, de François Lyotard (2009) se caracteriza pela morte das "grandes narrativas" totalizantes, fundadas na crença no progresso e nos ideais iluministas de igualdade, liberdade e fraternidade. Outros, como Harvey (1993) porém, afirmam que a pós-modernidade seria apenas uma extensão da modernidade, período em que, segundo Benjamin, ocorre a perda da aura do objeto artístico em razão da sua reprodução técnica, em múltiplas formas: cinema, fotografia, vídeo, etc. Para este entendimento tanto o povo como a sua produção estão de certa maneira dialogando com aquilo que mais se evidencia com a pós-modernidade, a falência do projeto moderno, que traz no bojo a noção de crise, “a condenação do antigo; do outro, o anúncio da supremacia do novo”. (GOMES, 2007).

Se os meios de comunicação estão tão associados a este sentido de moderno e de vanguarda são eles os representantes disso que Benjamin sinalizou como reprodutores técnicos da arte, nada mais normal do que serem eles também os reprodutores desta cosmovisão do mundo, é pelo olho da mídia que a sociedade se encontra, se percebe, exerce seu poder de decisão e de pertencimento.

OBJETIVOS

Diante dessas informações preliminares este artigo tem o objetivo de ressaltar a importância das produções experimentais no âmbito do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT); visa também evidenciar a construção da criticidade, que está inerente à disciplina que promove o olhar atento do jornalista que se forma.

As narrativas no jornal impresso são de grande impacto social, refletem problemas de existência e de sobrevivência dos personagens, figuras reais que são colocadas para fragmentar uma problemática social para que o leitor tenha conhecimento do fato em forma de notícia são selecionadas e utilizadas para na totalidade da produção expressar um fragmento de mundo.

É pertinente também evidenciar que esses produtos midiáticos refletem temas de interesses particulares dos alunos que propuseram esses conteúdos, além do que essa produção é limitada pelos suportes técnicos existentes nos laboratórios do curso de Jornalismo da UFT, e pelo tempo escasso, imposto pelo semestre acadêmico, uma disponibilidade de menos de seis meses para planejamento de pré-produção e finalização dos trabalhos.

Entendemos, neste contexto, a importância da extensão no devir do curso de jornalismo, desde que respaldada pelo argumento sólido de teorias que promovam a consciência social, aliada aos processos humanos e sociais que rompam com os inconvenientes de informações fragmentada e excessivamente agendadas pelos interesses econômicos.

Os objetivos específicos que visamos discutir são a promoção e o debate acerca dos projetos experimentais nos cursos de jornalismo; avaliar a importância dessas produções no efetivo exercício de um jornalismo que inclui e diversifica as pautas na promoção da democracia participativa.

METODOLOGIA DE ABORDAGEM

O tratamento metodológico dado a este artigo é de natureza qualitativa e fenomenológica. A fenomenologia está alinhada as pesquisas qualitativas e tem por premissa investigar a realidade social dos sujeitos e a compreensão dessas realidades. No âmbito empírico, o objeto de análise é sempre uma parcela do mundo que é do outro. A apreensão desta parcela pelo pesquisador leva, forçosamente, a obtenção de

relatos sobre a experiência vivida do outro para alcançar o fenômeno, ou seja, a “coisa em si mesma”.

O interesse para a Fenomenologia não é o mundo que existe, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se realiza para cada pessoa. A redução fenomenológica requer a suspensão das atitudes, crenças, teorias, e coloca em suspenso o conhecimento das coisas do mundo exterior a fim de concentrar-se na pessoa e exclusivamente na experiência em foco, porque esta é a realidade para ela.

APRESENTANDO O PRODUTO

É dado ao aluno a oportunidade de produzir é cobrado deste aluno a propriedade técnica, a qualidade da narrativa e os cuidados com a produção e pós produção, além da colocação adequada da mídia como espaço de difusão de realidades e ficções, que promovam a propositura de temas de importância social e cultural, no sentido de disseminar um olhar positivo para os mais diversos fenômenos que eclodem no devir da sociedade.

O jornal impresso recebeu o nome de “Transigente” um acrônimo das palavras *trans* que define a pessoa que tem outras opções sexuais que não o feminino/masculino e exigente, de quem exige algo perante o mundo. O *Transigente* tem por objetivo ser porta voz da tolerância e da não violência para a população que tem como público as minorias sociais, lésbicas, gays, bissexuais, pessoas trans e intersex que sofrem agressões, segregação, e mortes no Brasil.

A escolha da temática e do tratamento das informações vão ao encontro das recomendações a serem seguidas pela mídia e estão na cartilha da ONU, que defende a liberdade como premissa máxima dos indivíduos, e neste caso a opção pela sexualidade é um dos itens a serem respeitados. A cartilha da ONU trata a identidade de gênero e foi lançada como parte da campanha Livres & Iguais, tem por meta promover a igualdade de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) com os demais.

TRANSIGENTE

Palmas/TO, Novembro de 2017 . Ano 0, n 1 .



SOU TRANS? POR JULIA VARAJÃO

Vivemos em uma sociedade com padrões normativos opressores e intolerantes. É por isso que a identidade trans quase sempre vem acompanhada de dúvidas e pensamentos sobre violência, abandono e opressão.

Pag. 04

BRASIL É O PAÍS QUE MAIS MATA TRANSGÊNEROS NO MUNDO POR SARAH MELISA

A grande maioria das pessoas trans que vivem no Brasil sofrem constantemente com a violência. Os casos vão de violências físicas e sexuais à violências psicológicas e morais.

Pag. 06

PERSONAGENS TRANS COMEÇAM A EMERGIR NA MÍDIA POR LYS APOLINÁRIO

Depois de muito tempo sendo ignorados, os personagens trans finalmente começaram a surgir nas produções midiáticas. Contudo, muitas questões ainda rodeiam a maneira como esse processo está acontecendo.

Pag. 05

VAGAS DE EMPREGO PARA TRANSEXUAIS SÃO ESCASSAS (NELIO SOARES) PAG. 06

COMO OS PAIS DE TRANSGÊNEROS LIDAM COM A IDENTIDADE DE GÊNERO DOS FILHOS (JULIA VARAJÃO) PAG. 04

EDITORIAL

O Transigente surge em um momento delicado, quando o mundo mostra-se cada vez mais intolerante e a violência torna-se cotidiana e corriqueira, principalmente para a população trans que, entre as minorias sociais, é uma das mais agredidas.

A escolha da temática e do tratamento das informações vão ao encontro das recomendações a serem seguidas pela mídia sugeridas na cartilha da ONU. A cartilha trata de temas que cercam a identidade de gênero e foi lançada este ano como parte da campanha Livres & Iguais.

Nosso intuito é servir como resistência à intolerância, dissipando o preconceito através do conhecimento e da informação de qualidade. O principal objetivo desta publicação é a promoção de uma visão humanizada da população transgênera.

Na edição de estréia decidimos falar de questões pontuais que cercam a comunidade trans. Estas primeiras reportagens tem a pretensão de apresentar o assunto aos leitores que ainda não tiveram muito contato com o tema.

Entendemos que inteligência não se trata do mero acúmulo de conhecimento científico, mas também da capacidade crítica do ser humano. O Transigente vem para lembrar que o respeito às minorias também faz parte do conceito de democracia.

No ano em que o respeito aos Direitos Humanos é questionado no país e deixa de ser obrigatório nas redações do ENEM, anunciamos com satisfação que o conteúdo desse jornal se apresenta em consonância com a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

O nome "transigente" significa tolerância, flexibilidade. A tolerância nos permite imergir em territórios temidos e expor sua simplicidade e luz, com ela somos capazes de sair da caverna, explorar o mundo externo e mostrar a todos que as sombras são apenas nossa própria ignorância a nos atormentar.

Já a flexibilidade nos dá outras possibilidades além da persistência cega. Nos dá a capacidade de ponderar e utilizar nossa criticidade para formarmos um pensamento inteligente. Ser flexível significa que estar disposto a evoluir e mudar de ideia quando se está diante de um argumento coerente.

Nossa hipocrisia e o mito da criança agênera

Por Lys Apolinário

O assunto não é tão novo assim, quem quiser conhecer um pouco sobre a vida de crianças que se identificam com um sexo diferente do designado biologicamente pode fazer uma rápida pesquisa e encontrará listas e listas de casos e depoimentos.

No Brasil, o Profissão Repórter sobre Transexualidade e a série Quem Sou Eu? do Fantástico acompanharam algumas histórias sobre essas crianças que se mostram, desde muito cedo, convictas a respeito de seu real gênero.

O serviço de streaming Netflix também tem em seu catálogo o documentário Crescendo como Coy, que acompanha a luta dos pais de uma garota transgênera para que a filha consiga ser respeitada e aceita no ambiente escolar.

Outras que trataram do tema de forma bem esclarecedora foram as revistas National Geographic, Vejinha e Escola. A pergunta é: Queremos entender? Por que será que quando se fala em crianças transgêneras as pessoas logo se assustam, mas ninguém se assusta quando os pais indicam que a criança é cisgênera?

Nossa desculpa é sempre que "uma criança ainda não pode definir esse tipo de coisa", essa é nossa justificativa interna para rejeitarmos a existência das crianças trans. No entanto, se as crianças são muito novas para definirem a que gênero pertencem, porque insistimos em considerar que nossos filhos e os filhos dos outros são cis antes mesmo que eles nasçam?

O erro talvez comece com o médico que diz para os pais "é menino" ou "é menina", antes que a criança respire o ar desse mundo. Logo depois os pais vão às compras e compram tudo rosa para o serzinho biologicamente designado como menina e tudo azul para o designado como menino.

O pior é que, como os pais tem certeza de que sua garota é cisgênera, simplesmente furam sua orelha e lhe colocam um vestidinho rosa. E está tudo bem, já podem sair por aí e contar para todo mundo que têm uma menina. No entanto, quando ela começa a falar as primeiras palavras, ela diz que não é menina e sim um menino.

Provavelmente os pais vão ficar desesperados, decepcionados e desiludidos. "É difícil passar por essa situação" a gente pensa, mas não no quanto é difícil para uma criança sentir todo o peso de saber que seus pais e o resto do mundo querem que ela seja alguém que ela não é. Não imaginamos como é ter a orelha furada ou o cabelo cortado sem o nosso consentimento, sem que aquilo nos faça sentir bem.



É claro que fazemos essas coisas com muita naturalidade, sempre achando que estamos fazendo o melhor para nossos filhos e filhas e não que estamos oprimindo-os com a explícita expectativa de que eles sejam o mais normativo possível. E é aí que está a nossa hipocrisia.

Só nos colocamos para pensar sobre o poder de escolha de uma criança se esta criança faz uma escolha que nos contraria e ainda inventamos desculpas que desmentimos com nossas ações. Não criamos crianças agêneras que no futuro poderão escolher seu gênero tranquilamente.

Criamos meninas. E criamos Meninos.

E as crianças vivem e sofrem desde muito pequenas as vantagens e as desvantagens do que é viver como menina e do que é viver como menino.

TRANSIGENTE Expediente



Palmas/TO, novembro de 2017

Jornal produzido para a disciplina Produção em Jornalismo, com orientação da professora Maria de Fátima de Albuquerque Caracristi

Editora: Lys Apolinário

Projeto Gráfico e Diagramação: Sarah Melisa

Repórteres: Julia Varajão, Nelio Soares, Lys Apolinário e Sarah Melisa

Ilustração: Sarah Melisa

Endereço: UFT/Campus Palmas, 109 Norte, NS-15, ALCNO -14, Palmas-TO

Contato: 32258537

Email: lysapolinario@gmail.com

Outra coisa é que muitas vezes quando dizemos "uma criança ainda não pode definir esse tipo de coisa", o "esse tipo de coisa" pode estar envolto pelo nosso preconceito contra a população LGBTQ+. Ser trans não quer dizer ser depravado. As crianças trans são tão ingênuas quanto as crianças cis.

Isso nos leva ao porquê de polêmicas como a da criança viada acontecerem. "Criança Viada" é o nome de um Tumblr que foi criado em 2013 pelo jornalista e ativista, Iran Giusti. Iran postou algumas fotos de amigos quando crianças em poses que ele considerava "pintosas" e produziu legendas engraçadas para elas.

Em pouco tempo o Tumblr ficou famoso e várias pessoas começaram a mandar fotos de infância, celebrando sua identidade LGBTQ+. A partir das imagens dessa página, a artista Bia Leite criou uma obra para a exposição "Queermuseu – Cartografias da Diferença na Arte Brasileira".

O intuito de Bia foi mostrar que as "Crianças Viadas", representação das crianças que não se encaixam nos padrões de gênero e orientação sexual, existem e precisam ser respeitadas. No entanto, a exposição foi cancelada depois de afirmarem que algumas obras faziam apologia à zoofilia, intolerância religiosa e pedofilia.

Os promotores do Ministério Público atestaram que não havia incitação à pedofilia nas obras, mas muitas pessoas interpretaram que dizer que uma criança é "viada" seria sexualizar a criança.

Criamos meninas. E criamos Meninos.

Em uma matéria para a M de Mulher, Iran esclarece a questão. "A gente tem que entender que gênero é diferente de orientação afetiva sexual e é diferente de sexualidade e principalmente de sexo [...] Não são só adultos que sofrem LGBTfobia, não são só adultos que são agredidos por não seguirem a heteronormatividade".

É por isso que é tão importante entender a questão e não nos deixarmos levar pelos pensamentos comuns, mas nada inofensivos do dia-a-dia. As crianças trans existem, assim como as crianças cis e quanto mais cedo aceitarmos e respeitarmos isso, mais dignas elas poderão ser.

Transexual, Travesti e Drag Queen: Você sabe a diferença?

Por Sarah Melissa



Situações assim não são exclusividade do meio midiático, elas se repetem no dia a dia de pessoas transgêneras, causando desconforto e servindo como forma de propagação para a ignorância.

Primeiramente é importante esclarecer o conceito de identidade de gênero que diz respeito a como cada indivíduo se sente e o gênero com o qual ele se identifica ou não. Essa identidade pode ou não ser condizente com o sexo biológico. É a partir daí que os conceitos se desdobram.

Transgênero é um termo abrangente que se refere aos indivíduos que não correspondem ao seu sexo biológico de alguma maneira. O termo Transexual trata daqueles que não se sentem com o gênero designado em seu nascimento e que podem ter desconforto com sua forma física, podendo chegar a fazer uma cirurgia de redesignação sexual.

Já os travestis se diferenciam dos transexuais pois, apesar de fazerem modificações em sua forma física, não se sentem desconfortáveis com suas genitálias, podendo escolher não fazer intervenção cirúrgica.

Os crossdressers são pessoas que gostam de se caracterizar como o sexo oposto, ocasionalmente ou só por curtos períodos do dia. Eles são comumente confundidos com as drags queens, a principal diferença entre eles é que a caracterização das drags se direciona para fins artísticos, para a realização de shows.

Um termo menos conhecido aqui no Brasil é o drag king, que se trata da caracterização masculina para performance, enquanto a drag queen é a feminina. Ser drag não depende de uma identificação de gênero, justamente por se tratar de uma prática artística.

Esses não são os únicos conceitos vigentes, a identidade de gênero permite uma série de variações para esses termos. Mas o mais importante não é saber o que cada termo limita e sim entender o quão amplo pode ser a existência humana. Na dúvida vale perguntar como cada indivíduo se identifica e se sente.

* Não deseja se identificar

É comum as pessoas se confundirem em meio às inúmeras definições para as questões de gênero. Justamente porque o gênero é algo subjetivo, que não depende da forma do corpo ou do órgão sexual com que se nasce. De acordo com o arquiteto e urbanista, Jonas*, "a maior parte da população não tem a menor ideia de qual seja a diferença entre esses três termos. Além disso, confundem os transgêneros com os homossexuais."

Outra confusão comum diz respeito às drags queens. O estudante de teatro Irving Diego ressalta "drag queen não é gênero, é arte. Não são só homens gays que fazem, homens heterossexuais também fazem e até mulheres cis. É arte."

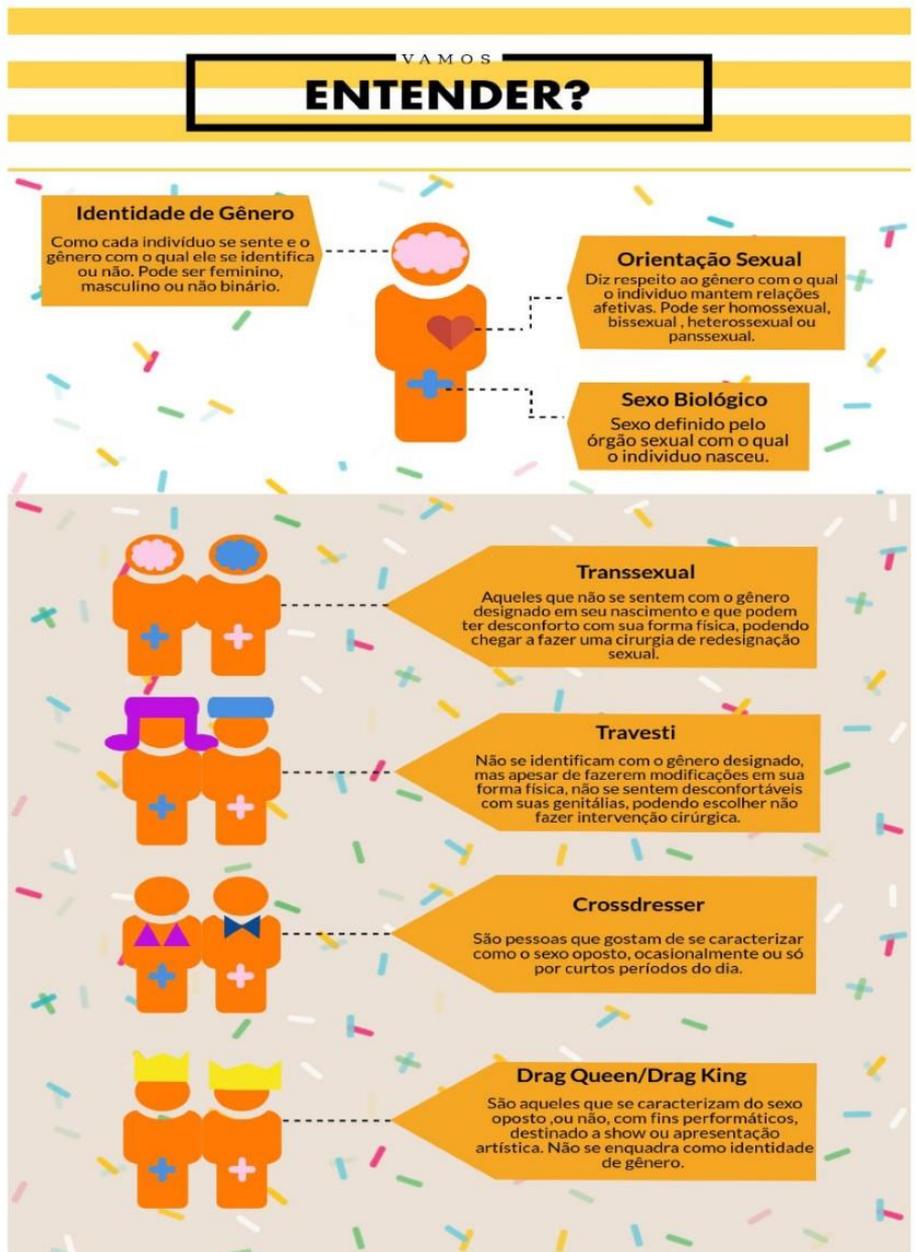
A medida que a mídia começa a tornar essa comunidade mais visível é imperativo que esse tema seja abordado, para o arquiteto "a falta de conhecimento leva ao preconceito." Não são poucos os exemplos de transgêneros, transexuais, drags queens que começam a se destacar em diferentes ramos.

Na música, por exemplo, temos a drag Pablo Vittar, que no último ano lançou seu primeiro disco de estúdio e se tornou a primeira artista brasileira a ter três músicas no top 5 do serviço de stream Spotify. Nas passarelas a modelo transexual Lea T desfilou para grifes mundialmente famosas como Givenchy e Benetton.

Na televisão a atriz Maria Clara Spinelli se tornou a primeira transexual a interpretar um papel de mulher cisgênero na televisão brasileira. Ela faz a personagem Mira na novela a força do querer.

Até mesmo nas redes sociais jovens transexuais, drags queens e travestis tem se tornado digitais influencers e possuem desde canais no youtube até livros publicados por editoras brasileiras.

Com esses destaques a desinformação da maioria da população em relação às questões de gênero ficou muito evidente. Em maio deste ano a apresentadora Luciana Gimenez, em seu programa, dirigiu a seguinte fala para o ator transexual Tarso Brant: "Ninguém diria que você não é homem". "Por não terem conhecimento, e por ser um tema um pouco complexo e até mesmo confuso, muitas pessoas acabam por não saber lidar com a situação ao se depararem com uma pessoa trans ou travesti." É o que afirma Jonas*.



Sou Trans?

Por Julia Varajão



Os transgêneros vivem em condições completamente diferentes por todo o mundo, resultando na falta de dados confiáveis sobre essas pessoas. O termo "trans" ou "transgênero", segundo o site do programa Bem Estar, se refere a uma pessoa cuja identidade de gênero – o sentimento psicologicamente arraigado de ser um homem, uma mulher, ou nenhuma das duas categorias – não corresponde à de seu sexo de nascimento.

"Desde muito cedo, mas não entendia o que acontecia. Julgava ser errado minha vontade de ser como meu irmão, quando digo 'muito cedo' é realmente desde quando me entendo como gente, das minhas memórias mais antigas, lembro-me de como eu queria ser outra pessoa, de outro jeito. Mas só aos 13 pude começar a libertar o verdadeiro eu." conta F.R.

Após se identificarem como transexuais, o segundo passo é informar a família sobre essa transformação, mas nem todos estão prontos para aceitar a existência de um trans na família.

Há muitos casos em que transexuais foram expulsos de casa, por terem assumido sua identidade, mas não é o caso de Ricardo*, segundo ele, sua família o apoiou desde o começo.

"Tranquila, porque a princípio eu me apresentei como homossexual, porque era o que eu pensava ser, embora não me via naquele meio, mas era o mais próximo do que eu me sentia. Mas quando obtive a informação sobre identidade de gênero, transexualidade, conversei com minha mãe novamente e foi tudo normal e compreensível como da primeira vez." contou.

A grande preocupação desses familiares e principalmente dos transexuais é o preconceito, pois os dados da União Nacional LGBT apontam que o tempo médio de vida de uma pessoa trans no Brasil é de apenas 35 anos, enquanto a expectativa de vida da população em geral é de 75,5 anos, de acordo com informações divulgadas em dezembro de 2016 pelo IBGE.

"No meu caso particular foram poucas as situações em que eu passei por dificuldades (preconceito), porque sempre tive um apoio familiar, no meu ciclo social mais próximo e, depois de um tempo, com a evolução da minha aparência não me vincularam mais como uma pessoa trans, vivo uma vida 'normal'. Mas os problemas de outros me afetam, saber que o Brasil é o país que mais mata transexuais no mundo é extremamente doloroso." disse F.R.

Ao se perceber diferente do que é, muitos trans não sabem a quem recorrer ou como falar sobre essa frustração, por isso, muitos deles procuram psicólogos que possam ajudar nessa descoberta, foi assim que Ricardo passou a se compreender melhor. "Embora a definição de sua sexualidade diga respeito apenas a você, é fundamental ter um apoio profissional para você se entender melhor, porque no começo é muito difícil você entender o que é e onde quer chegar. Quando se tem um apoio, é mais fácil." afirmou.

Das iniciativas nacionais, só constam um decreto federal que autoriza o uso do nome social em determinadas circunstâncias, deixando claro que o Brasil ainda tem muito o que avançar.

* Não deseja se identificar

Como os familiares lidam com a identidade transgênera

Por Julia Varajão



No Brasil, a expectativa de vida de uma pessoa transexual é de apenas 35 anos, enquanto da população em geral é de 70 anos, esse dado, retirado do senado.leg.br confirma que o país ocupa os primeiros lugares no ranking de países que mais matam travestis e transexuais no mundo.

Casos como o de Dandara e Gabrielle só aumentam a preocupação dos familiares de outros transexuais. Segundo a psicóloga Sílvia Maria, os pais ao descobrir que seu filho é transexual, sentem medo de que seu filho possa sofrer algum tipo de violência.

"O que os pais vão dizer, que não educaram bem o seu filho, vão ter medo de que o filho possa ser agredido" afirma a psicóloga.

"O que os pais vão dizer, que não educaram bem o seu filho"

Por ter toda essa preocupação, os familiares e até mesmo o transexual, demoram muito para buscar alguma ajuda. Segundo a psicóloga, eles pensam primeiro na parte médica, por pensarem que é algum tipo de doença.

"A psicologia na verdade, eles procuram em último lugar, ou vem o próprio paciente ou os próprios pais, aí o profissional vai acolher as queixas, vai ver o que está acontecendo para estar trabalhando com o paciente" conta Sílvia.

Sílvia conta ainda que a homossexualidade e a transexualidade não são consideradas como doença pelo CID-10, sigla dada para Classificação Mundial de Doença. Após ser procurada pela família ou pelo transexual, a psicologia tem o papel de acompanhar e encaminhar o que for preciso para a melhor convivência da pessoa trans com sua família.

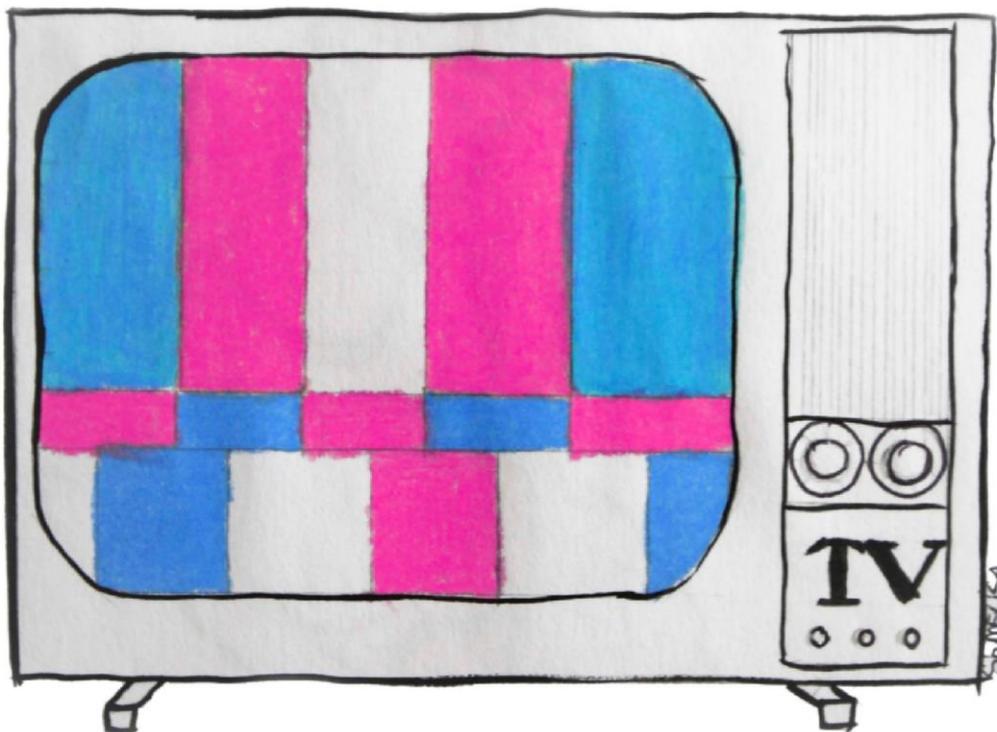
Sílvia conta ainda que a homossexualidade e a transexualidade não são consideradas como doença pelo CID-10, sigla dada para Classificação Mundial de Doença. Após ser procurada pela família ou pelo transexual, a psicologia tem o papel de acompanhar e encaminhar o que for preciso para a melhor convivência da pessoa trans com sua família.

"Sendo procurada pela família ou por alguém que esteja vivendo a transexualidade, nós vamos acolher, ver as causas disso aí tudo, o que deseja, o que ele precisa, aí a família é trazida também, pra que haja o acompanhamento, o aconselhamento, o encaminhamento daquilo que for preciso" diz a psicóloga.

O apoio da família é muito importante, pois reflete nas conquistas que a comunidade trans tem, como o direito ao nome social, por exemplo. Claro que não é somente isso que eles desejam, mas saber que suas famílias os apoiam, resulta em mais força e vontade de lutar por seus direitos.

Personagens trans começam a emergir na mídia

Por Lys Apolinário



Não se pode dizer que são muitos os personagens transexuais e travestis que estão presentes em programas, filmes, novelas, séries ou desenhos animados, mas podemos afirmar que essa representatividade começa a ganhar força e os trans estão finalmente emergindo do lugar obscuro onde a sociedade os jogou.

Transparent, Sense8, Clube de Compras Dallas, Garota Dinamarquesa e Orange is the New Black são alguns bons exemplos do crescimento da representatividade trans. Contudo, o surgimento de personagens trans vem acompanhado de uma série de questões.

No início, os transgêneros apareceram na mídia de forma escassa e estereotipada, uma representação que pouco contribuía para a visão humanizada dessa população. Atualmente podemos contar com protagonistas trans e com histórias elaboradas sobre a vida e as dificuldades que essas pessoas passam.

No entanto, o caminho para a visibilidade e humanização ainda é longo. Muitos não se sentem representados pelos perfis trazidos. O estudante de enfermagem trans Nicolas Castro reclama que a maioria dos atores são brancos. Já a estudante de teatro Indaiá da Silva diz que a representação está romantizada e ainda se enquadra dentro de padrões opressores.

Trazer personagens com padrões de beleza europeus e perfeitamente encaixados nos estereótipos de feminilidade ou masculinidade pode ser um problema para a população trans, já que muitos não se encaixam nesses perfis. "Na maioria das vezes, a pessoa que se reconhece trans sai de uma caixinha e entra em outra, começa a reproduzir papéis de gênero impostos pela sociedade", diz Indaiá.

Outra reivindicação da comunidade transgênera diz respeito à constante contratação de atores cisgêneros para a representação de papéis transgêneros. A DJ trans Lana Almeida acredita que isso seja ruim "deveriam dar mais espaço para as pessoas trans". Já o estudante de teatro Irving Diego acha que a escolha de atores trans pode deixar a atuação mais realista.

Indaiá aponta ainda para outro fato. Para ela, a preferência de atores cis faz parte de um cenário aterrador, no qual pessoas trans sofrem com a falta de oportunidades de emprego e rejeição social e acabam tendo que se prostituir "99% das trans e travestis estão na prostituição por falta de oportunidade de emprego" diz Indaiá.

É compreensível que, com tão poucas oportunidades para atores trans, a comunidade transgênera queira resguardar seu espaço. No entanto, esse panorama pode mudar e uma das possibilidades é que atores trans interpretem personagens cis, é o que pensa o professor transgênero Lídio Fernando Barros.

Essa realidade ainda está distante, mas os primeiros passos já foram dados. Um exemplo é a novela A Força do Querer, que contou com a primeira atriz trans a interpretar uma personagem cisgênero no horário nobre. A atriz Maria Clara Spinelli interpretou a personagem Mira, amiga da vilã Irene.

Maria Clara é um símbolo da representatividade trans. Em seus quinze anos de carreira já passou pelo teatro, cinema e depois pela televisão, interpretando papéis em Salve Jorge, SuperMax e A Força do Querer. Na série Carcereiros, disponível no Globo Play, ela interpretou também uma travesti chamada Kelly.

Outro exemplo de representatividade é a atriz chilena Daniela Vega, que protagonizou o filme Uma Mulher Fantástica. O longa ganhou o Urso de Prata de melhor roteiro no Festival de Berlim 2017. Daniela interpreta uma mulher trans que, para conseguir se despedir do marido que acabou de morrer, tem que passar por uma série de situações preconceituosas.

"Nós precisamos de mais"

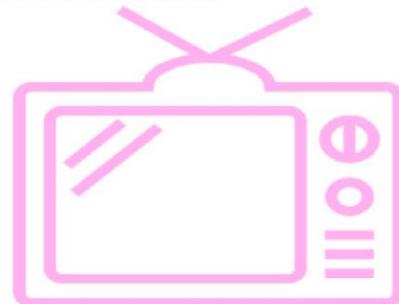
Diversas publicações especulam que Daniela pode se tornar a primeira atriz trans indicada ao Oscar. Se isso acontecer, será um grande ganho para a comunidade transgênera e um importante passo rumo à humanização.

Além da manifestação no mundo adulto e jovem, a temática chegou também à mídia infantil. O episódio Chifre, doce chifre do desenho animado Meninas Super Poderosas trabalhou o tema de forma lúdica.

No episódio, as meninas ajudam um pônei que por dentro se sente um unicórnio. Em uma entrevista para o LA Times, o produtor da série disse "Não acredito que se possa ser jovem demais para começar a discutir essas questões".

Todos esses exemplos de representatividade são recebidos pelas pessoas trans como algo importante na luta por mais dignidade. Indaiá diz que ao ver personagens trans se sente representada "sinto que não sou a única, que não sou doente ou louca, como sempre é colocado".

No entanto, Indaiá acha que os personagens trans ainda são poucos "por mais que estejam aparecendo mais pessoas trans e essa representatividade exista, ainda é mínima, nós precisamos de mais". O gerente Thomas Barbosa acha que uma porta para o tema foi aberta "sinto que agora podemos tratar de um assunto que não se discutia na sala de casa".



Brasil é o país que mais mata transgêneros no mundo

Por Sarah Melisa

O Brasil é o país onde mais se mata travestis e transexuais no mundo, segundo uma pesquisa da organização Transgender Europe, rede que apóia os direitos da população transgênera. No país 868 travestis e transexuais foram mortos nos últimos oito anos, o que representa dados alarmantes se comparados com outras nações.

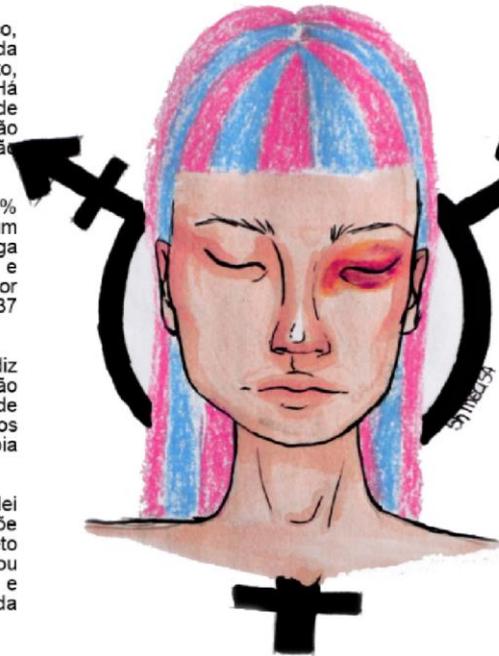
O segundo colocado do ranking, o México, contabilizou 256 mortes, ou seja, um terço da quantidade no Brasil. Esses números, no entanto, não chegam a ser um retrato fiel da violência. Há uma grande dificuldade de identificar os crimes de transfobia, pois as informações muitas vezes são ocultadas, ou divulgadas de forma errônea, não identificando a vítima como trans.

No último ano os transexuais representaram 42% das mortes de LGBTQ+ no Brasil. Segundo um levantamento do Grupo Gay da Bahia, a mais antiga associação de defesa dos homossexuais e transexuais do Brasil, 2016 foi o ano com o maior número de assassinatos da população LGBT em 37 anos.

"Ninguém gosta de se sentir em perigo". É o que diz o estudante de teatro Irving Diego. A população trans luta para a melhoria desse cenário de violência. A principal demanda reivindicada pelos militantes brasileiros é a criminalização da transfobia e da homofobia.

Depois de oito anos em tramitação, o projeto de lei da Câmara dos Deputados PLC 122/06, que dispõe sobre o tema, está arquivado desde 2014. O projeto define crimes resultantes de discriminação ou preconceito de gênero e orientação sexual e encontra resistência entre parlamentares da bancada religiosa.

Para a organização Transgender Europe as motivações para os crimes contra transexuais também tem uma ligação histórico-cultural. O contexto histórico brasileiro sempre foi permeado por grandes níveis de violência, seja no colonialismo, escravidão ou ditadura. A alta vulnerabilidade de transexuais na prostituição e a falha do Estado em prevenir e investigar esses crimes, também são apontadas pela organização.



Outro dado apontado pela pesquisa se refere ao suicídio, 40% da população transexual já tentou suicídio em algum momento de suas vidas. Esse número muitas vezes é motivado pela violência física e moral sofrida pelos transgêneros, além da falta de apoio social e familiar e das políticas públicas desiguais e desamparo do governo.

O estudante de teatro Irving Diego acredita que a educação é o caminho para melhorar esse cenário. O arquiteto e urbanista que não deseja ser identificado concorda "essa é a única arma para lutar contra o preconceito e consequentemente diminuir a violência".

A comunidade LGBTQ+ segue lutando para uma mudança político cultural. "É uma luta conjunta para acabar com o machismo e com os papéis de gênero impostos a todos", complementa o arquiteto.

"Ninguém gosta de se sentir em perigo"

A violência física não é a única forma sofrida pelos transexuais, agressões psicológicas também são relatadas, como no caso do arquiteto e urbanista que não deseja ser identificado. "Já sofri violência verbal e psicológica, principalmente por parte da família. Eu morava com a minha mãe e meu irmão, mas devido ao fato deles não me aceitarem, tive que me mudar de estado para ir morar com meu pai. Minha mãe exerce uma pressão psicológica muito grande em mim e ela tenta a todo custo reverter a transição, o que resultou em várias tentativas de suicídio".

Os transexuais sofrem muita repressão no ambiente familiar. São muitos os casos de jovens e adolescentes que são expulsos de casa por não se identificarem com o gênero biológico. Segundo pesquisa realizada pelo Centro Nacional pela Igualdade dos Transgêneros, 10% dos transexuais sofrem violência de algum membro da família; 8% são expulsos de casa devido à sua identidade de gênero.

Vagas de emprego para transexuais são escassas

Por Nelio Soares

Segundo dados da ANTRA

90%
das pessoas trans estão
na prostituição.

Apenas **10%**
desempenham
outras funções.



O primeiro semestre de 2017, no Brasil, foi de crescimento da taxa de emprego e um aumento na perspectiva de criação de vagas formais para brasileiros em idade apta para ocupação no mercado. Porém, o segundo semestre não seguiu o ritmo e pessoas propensas a uma vaga no mercado foram prejudicadas.

Entre os brasileiros com mais dificuldades para encontrar emprego, como são os casos dos mais velhos (acima dos 50 anos) e deficientes, estão os transexuais. Além da questão relacionada ao mau momento da economia, as pessoas que possuem uma identidade de gênero diferente ao sexo com o qual nasceram, sofrem com o preconceito.

Em Palmas, capital do Tocantins e maior cidade do estado, as vagas para transexuais são extremamente escassas no mercado formal. Um caso de exceção à regra na cidade é o de Bianca Andressa Marchiori, trans de 34 anos, que trabalha como enfermeira.

"A condição para mulheres e homens trans aqui é muito difícil. As pessoas ainda não entenderam que tem que se trabalhar com transexualidade, é muito pequeno o mercado de trabalho no estado do Tocantins" disse Bianca, enfermeira que atua no HGP.

As oportunidades são poucas. A área com maior atuação das pessoas trans está ligada a beleza, em salões ou vendas destes produtos.

"Era o que tinha pra fazer, né. Ou então vai trabalhar com prostituição" comentou uma pessoa trans, empregada a pouco mais de dois meses em um salão de beleza. Ela não quis se identificar.

Gisberta

Ilustrações: Sarah Melisa

Texto: Lys Apolinário



Quando nasci meus pais acharam que eu devia me chamar **Gisberto**. Eu era a mais nova de oito irmãos.



Cresci em São Paulo e desde pequena me sentia **desconfortável** dentro daquele corpo que destoava tanto do que estava em minha mente.



Na adolescência, depois que meu pai morreu, disse para minha família que eu era **mulher**.

Naquela época, ser transexual em São Paulo se tornava cada dia mais **perigoso**.

Resolvi então que **me mudar** para a França era a melhor opção.



Parece que hoje **continua igual**.



Na cidade do amor meu corpo finalmente tomou a **forma** que minha alma **desejava** e apaixonei-me pela mulher no espelho.

Um tempo depois **parti** para Portugal.



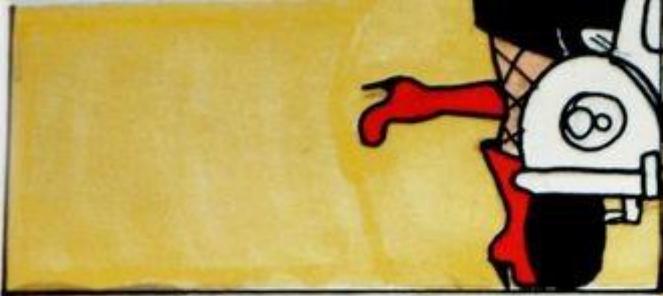
Lá, fiz amigos e comecei a **me apresentar** em bares e boates da cidade.



Não só pela beleza, que era **inegável**, mas principalmente pelo sorriso de **satisfação**. Era o sorriso que me cativava.

A vida de artista no Porto não rendeu o que eu esperava. Tive que achar outra **alternativa**.

Além da dignidade, as alternativas são outro elemento sempre negado às trans.



O contato com minha família não era intenso. A vida começou a acinzentar-se.



A doença tomou meu corpo para si e de repente, nem mais trabalho eu conseguia.



Fugii de São Paulo com medo da violência, mas a sociedade não deixava que muitas de nós escapassem do destino que nos espera. Eu era trans; prostituta e vivia com HIV. Esse era o clichê que a sociedade insistia em nos empurrar goela abaixo.

Meus documentos mentiam meu sexo, mas nenhum empregador entendia isso. Para eles era inaceitável que uma mulher se chamasse Gisberto, mesmo que eu lhes dissesse que meu real nome era Gisberta.



O desemprego não trouxe apenas a fome e o desamparo, meu visto foi negado e eu era a mais nova imigrante ilegal da cidade.

Minha voz não tinha valor, eram aqueles documentos, produzidos por alguém que nem sequer me conhecera, que retinham toda a confiança dos cidadãos do Porto.

Passei uns tempos visitando vários hospitais, tratando doenças que me acometiam por causa da AIDS.



Sem teto. Sem amparo. Sem nação.

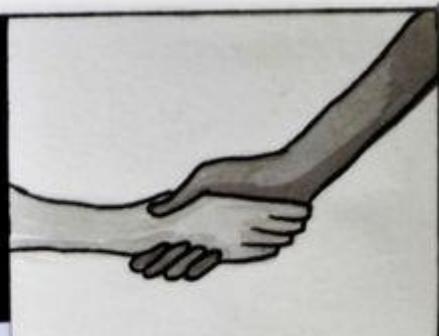


Com o corpo e a alma precisando de cuidados, abriguei-me debaixo de uma obra abandonada.



Não era uma casa bonita.

Me **anestesiava** para aguentar firme.



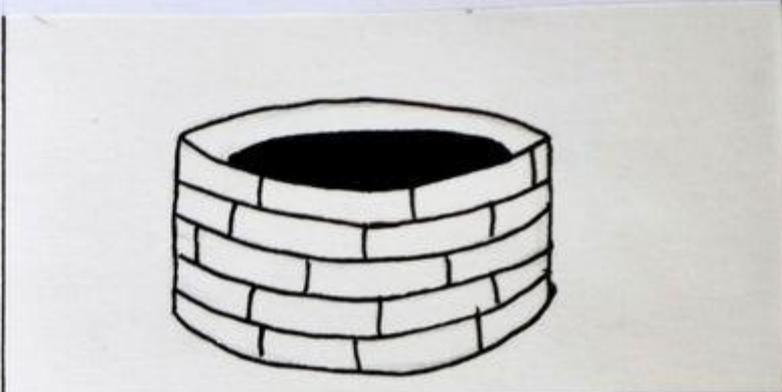
Um dia, mãos **juvenis** me ofereceram ajuda, comida e conforto.

Logo depois, me ofereceram dor. Muita **dor**. Dor que você não seria capaz de imaginar. Dor que você não suportaria.



Não o culpo, eu também não **suportei**.

Três garotos viraram quatorze. Eu não pude me **defender**. Dia após dia eles tiraram um pouco de mim.



E quando já não sobrava força suficiente para eu me mover, me envolveram em **escuridão**.

Ano passado completaram-se dez anos de **escuridão** e esse ano a sombra **persiste**. **Dandara** veio se juntar a mim.

Acho que ainda **demora** até eu estar **liberta**.

Gisberta foi uma mulher trans brasileira morta em Portugal aos 45 anos. Foi violentada física e psicologicamente até ficar inconsciente. Depois disso, foi jogada no poço da construção inacabada, debaixo da qual morava. As crianças e adolescentes que confessaram o crime tinham entre 12 e 16 anos e estavam sob os cuidados de uma instituição católica. A justiça considerou que Gisberta morreu afogada, já que ainda não estava morta quando a jogaram no poço, sendo assim, os jovens foram inocentados. As primeiras notícias sobre sua morte foram o retrato da ignorância e desrespeito com os quais a sociedade e a mídia tratam as pessoas trans.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção de mídias é um exercício cotidiano para os alunos de jornalismo, neste exemplo que trouxemos como ilustração tivemos a intenção de dar visibilidade a um produto impresso que pelas características e peculiaridades que lhes são natas propõe uma discussão interessante no que tange ao papel do jornal impresso.

Pelo fenômeno que atinge o mundo, a comunicação em redes e conectadas a vários suportes de mídia o jornal impresso parece perder espaço, está cada dia mais distante e desinteressante para uma grande maioria que prefere os produtos online.

Essas questões debatidas com entusiasmos nas salas de aula dos Projetos Experimentais são repetitivas, quase ninguém mais se debruça para o impresso, e ele se torna a cada dia mais específico, mais longe do gosto popular e se redefine em um produto elitizado, o que neste momento não tem importância, o que realmente importa é o quanto pode ser feito deste produto se lhe for dada a possibilidade de reunir os recursos técnicos que possam fazê-lo realmente um produto de comunicação e com conteúdo específico.

Neste exemplo que trouxemos com o transigente podemos reconhecer o importante papel que o jornal cumpriu no seu objetivo de formar e informar, uma tarefa cada dia mais difícil de ser atingida pela mídia impressa, mas que se revigora a importância e a essência do impresso no momento que é utilizado com todo seu potencial técnico, com uma abordagem editorial segmentada, como o caso em apreciação.

A construção da narrativa, do pensamento, daquilo que mais interessa ao jornalismo que é a informação foram respeitadas nesse número do intransigente e sua simbologia subjacente ainda aos jornais tradicionais nos permite concluir que os novos espaços para os impressos serão talvez permeados por essa técnica mais requintada de apuração que une na produção de conteúdo espaço para a poesia e a estética.

Objetivamente os novos atores sociais que exigem a protagonização das suas existências são inspiradores para um elenco de pautas que não se limitam, apenas, aos experimentos, mas que sem dúvida podem e devem ser tratados por todas as possibilidades midiáticas.

A possibilidade de informar com qualidade e exatidão independe de suporte mas a inclusão desses temas ou de outros merecem adequação e sensibilidade técnica além de um olhar editorial que permita o debate do contraditório, a externalidade do limbo social em que ainda estamos submetidos, e neste caminho as propostas dos experimentos nos laboratórios de produção midiáticas são essenciais para temas que nas agendas midiáticas convencionais não encontram brecha.

REFERÊNCIAS

BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Acesso em 26 de janeiro de 2018. Acesso em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1563569/mod_resource/content/1/A%20Obra%20de%20arte%20na%20era%20da%20sua%20reprodutibilidade%20t%C3%A9cnica.pdf

GOMES, Paulo Cesar Costa. **Geografia e modernidade**. 6ª ed. Betrand Brasil, Rio de Janeiro, 2007;

LYOTARD, Jean François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro, Editora José Olympio, 12ª ed. 2009.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço: uma nova política pela espacialidade**, 1ª ed. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2008

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação. Contexto e paradigmas**. Acessado em 18 de fevereiro de 2018. Acesso em: http://www.jornalismoufma.xpg.com.br/arquivos/mauro_wolf_teorias_da_comunicacao.pdf